

DISSIDÊNCIAS, OU OUTRAS RESPIRAÇÕES

ANA LUÍSA AMARAL

a.luisaamaral@gmail.com

Universidade do Porto, Faculdade de Letras

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2922-0811>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-7_11

Texto recebido em / Text submitted on: 25/02/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 15/03/2021

Biblos. Número 7, 2021 • 3.^a Série
pp. 251-255

Era em tom morno o anúncio do calor

e suspenso daquela primavera,
à distância do olhar: o fio
da liberdade

tecido numa teia de tal forma
que podia criar quando se erguesse
uma rede perfeita de energia
atravessada a luz,

o ar cruzando-a, alimentando os fios,
uma voz do passado murmurando
havia um sonho

Folhas, ramos, mãos levantadas, multidões,
os pés a caminhar, os gritos vegetais e dos humanos
exigindo o direito de se estenderem livres
pela erva acabada de nascer

Mas ela respondera já por tantos nomes,
tantos nomes lhe haviam já chamado, à liberdade,
e tinham-na despido, pondo na sua mão
bandeiras e estandartes

a ela, que habitara desde sempre
a pele, o pêlo, as penas, escamas brilhantes,
a vontade que de dentro emerge
entre todos os

da nossa casa

Se existisse um gigante, os braços rodeando

esta bola pulsante de rochas e de gás azul,
de grutas decoradas por caracteres e escuro, os biliões de anos
até chegar ao verde nas escarpas,
desertos e oceanos – tão belo,
e quando contemplado de longíssimo,
como da irmã lua, mais belo ainda:

*a nossa casa
onde nascemos todos, mas desiguais
vivemos*

Se houvesse esse gigante, os joelhos
pousados nas estrelas, braços abertos sobre tudo,
contemplaria um outro fio lançado sobre tudo:
o fio do tempo, mas tempo
em curvatura, fora de nós

– que sobre o tempo
não sabemos nada

Sabia a primavera,
o seu tempo liberto dos ponteiros,
e subia a telhados, cobrindo-os de erva leve,
e entrava nas maçãs muito vermelhas,
sabia o que fazer daquela nuvem
aparecida de súbito no céu

No cérebro dos filhos dos humanos,
nesse curto aposento de peso pouco mais
que pequeno lingote,
cinzento, irrigado de sangue,
como Amazónia cortada por rios fundo
ou Mississípi cruzado por cadáveres e luz

junto às sinapses que dão a acontecer
a dor, a imaginação, e ao lado delas, inventar torturas
e sermões, forçadas conversões ou resistências,
o desejo da língua a acompanhar
aquilo a que se chama
coração –

ali, como indelével tatuagem,
ela nunca morreu,
a liberdade

Estremecer de alegria pelo ar a invadir
narinas e pulmões, guelras e linfa, a revolta
dos braços contra a roupa, das patas
contra a terra, as asas junto ao ar – e em fogo tudo, incendiar
centelhas invisíveis
pelo corpo acabado de nascer,
aprender a voar

e respirar

Não como os monstros: os monstros não desejam,
e realmente o voo não é seu;
nem como os anjos que se deleitam
na neutra beatitude
de viver entre a luz, o azul e Deus

Os anjos e os monstros nada sabem
de morrer de asfixia e de terror,
nem do poder que tem pulso ao lado de pulso,
punho ao lado de punho, mão sustendo outra mão,
nem desse cheiro fresco e muito doce
que por vezes destila a primavera

Nem sabem ao que sabe
a flor mortal ou de viver no fio suspenso
no abismo, mas capaz de o romper, chegar
à outra margem, visitar novo cume
de montanha

ou gritar pelas décadas fora
havia um sonho

e os séculos ouvindo
e repetindo em eco *eu tenho um sonho*

Os monstros e os anjos nada sabem do fio
da liberdade, de defender a Aranha
que o teceu, ao fio,

o fundiu e moldou,
belo como um elástico de cor
ou a matéria fluida das estrelas,
forte de escavadora, o seu guindaste agora desarmado,
diamante dúctil –

assim, talvez: futuro –

